

**POSTERS:
BASQUETE E
FUTEBOL CAMPEÕES
DO PAN**



JOINVILLE CAMPEAO, BAHIA BI

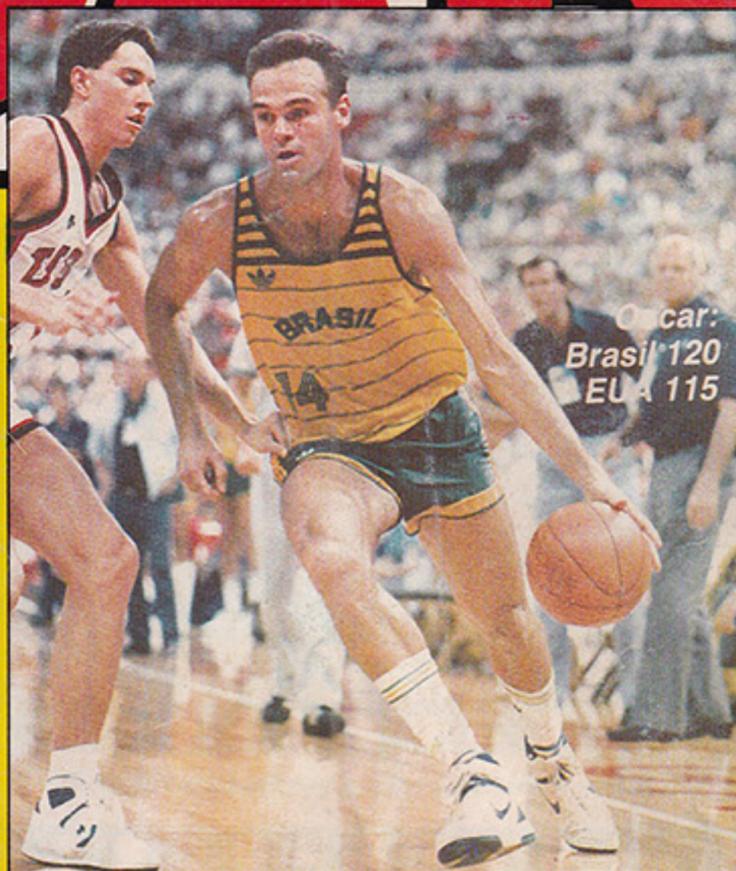


PLACAR

N.º 900 31/AGOSTO/1987 Cz\$ 50,00



*Pita:
Brasil 2
Chile 0*

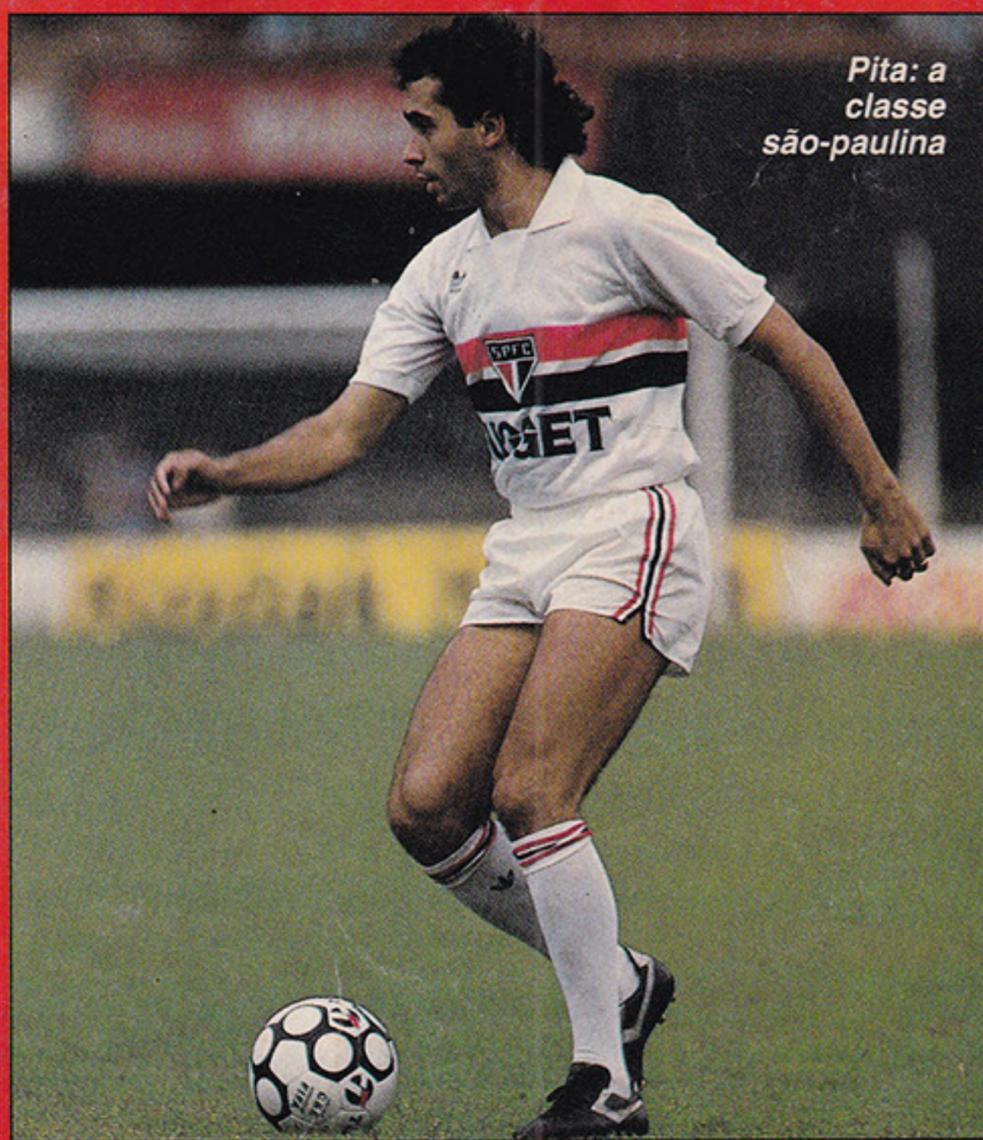


*Oscar:
Brasil 120
EUA 115*

PAN-AMERICANO: NOSSAS SELEÇÕES DE OURO



*Biro-Biro:
o coração
corintiano*



*Pita: a
classe
são-paulina*

CHOQUE DE REIS

É o fim, Nabi

Os representantes do Grupo dos 13 e os presidentes das Federações do Paraná, Goiás, Santa Catarina e Piauí reuniram-se sexta-feira em São Paulo. Nabi Abi Chedid, vice da CBF, não gostou. E telefonou para Carlos Miguel Aidar, presidente do São Paulo e do Grupo dos 13.

— Carlos Miguel, que negócio é esse?

— Nabi, só te atendo por educação. Você acabou com o futebol e agora o futebol acabou com você.

— Carlos Miguel, não esqueça que posso desenterrar a ação contra você e Márcio Braga no Tribunal de Justiça da CBF.

— Nabi, uma condenação do teu tribunal seria a maior honra de minha vida.

Pano rápido.

São Paulo ataca

O São Paulo já tem tudo praticamente acertado com Noroeste, Ponte Preta e Botafogo de Ribeirão Preto para contratar o artilheiro Rodinaldo, o zagueiro André Cruz e o meia Raí. Com o irmão de Sócrates há dois complicadores: o jogador quer bem mais do que o tricolor oferece e Vicente Matheus, do Corinthians, embora desconverse, dá claros sinais de que quer repetir a façanha realizada em 1978, quando roubou o Doutor do Morumbi.



Raí: a um passo do Morumbi



SERGIO SADE

A medalha de ouro no futebol não impediu alguns jogadores de se preocuparem com o futuro. “Carlos Alberto Silva é corajoso, mas não lhe dão apoio nem tranquilidade para trabalhar”, diz Douglas (foto), do Cruzeiro.

Seu companheiro Geraldão está cético: “Para que serve este título? Vão falar: ‘Ganhar o Pan é fácil, quero ver ganhar a Copa do Mundo...’” E Pita, do São Paulo, faz uma advertência: “Teremos de trabalhar duro para as próximas eliminatórias. Os adversários sul-americanos estão crescendo rápido demais”. Antes assim, aliás: um certo realismo sempre é bom. (M.D.)

A felicidade de Careca

Domingo, Napoli goleou o Modena por 4 x 0, pela Copa Itália, e Careca marcou um gol — o terceiro que faz pelo seu novo clube. Feliz da vida,

ligou para seu grande amigo Marco Aurélio Cunha, médico do São Paulo, e contou-lhe três coisas:

1. Está jogando com a camisa 7.
2. Está adaptando-se rápido à cidade.
3. Está impressionado com Maradona: “Aqui, até os gandulas atuam em função dele”. (M.L.)

Prejuízo do Palmeiras

Se o Palmeiras chegasse à decisão do Campeonato Paulista, cada jogador receberia 170 000 cruzados. “Daria para recheiar a carteira”, lamentou-se o ponta-direita Júnior. “Infelizmente, vamos economizar esse dinheiro”, aborreceu-se o presidente Nelson Duque.

Fica para 1988. (M.S.V.)

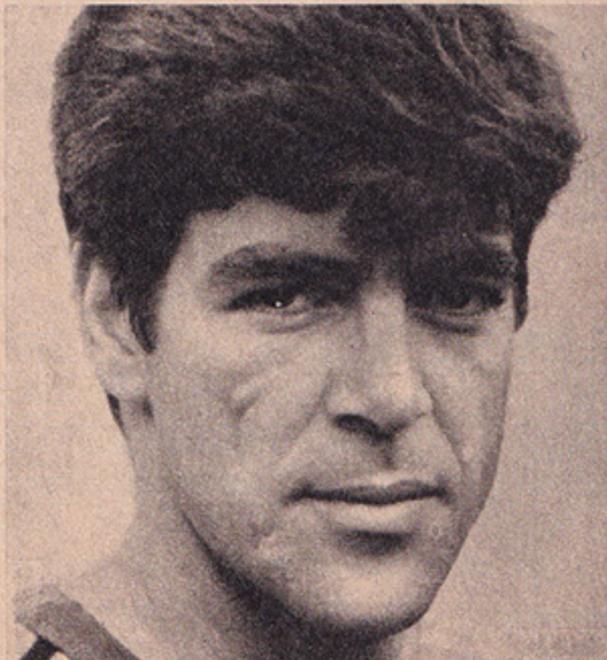
Pressões gremistas

O presidente do Grêmio recebe pressões de conselheiros do clube. Eles dizem que sentem o drama de Cuca, Eduardo, Henrique e Fernando, presos na Suíça, mas acrescentam que a imagem do clube está acima de tudo. A tendência é os jogadores serem vendidos ao término de seus contratos. (D.F.)

Fica discreto, goleirão

O bom goleiro Zetti, do Palmeiras, andou consultando alguns amigos para saber a opinião deles sobre um uniforme personalizado, ao estilo do ex-arqueiro Leão, que planejava estreitar no Campeonato Brasileiro.

Depois da incrível infelicidade que o acometeu no terceiro gol do São Paulo, no último domingo, é capaz de Zetti ter abandonado a idéia.



ABRIL

Zetti: abandonando uma idéia

A NOVA SAFRA PAULISTA

Com esforço e técnica, dez jovens vencem uma dura batalha

Eles foram testados numa guerra que derrubou astros e esperanças. Superaram o ceticismo daqueles que exigem soldados experientes para as decisivas batalhas pelo título ou contra o rebaixamento. Iniciaram a disputa como incógnitas e, agora, vivem as delícias do reconhecimento. Afinal, eles conseguiram ser apontados como as revelações do Campeonato Paulista — talvez o certame regional mais difícil do Brasil.

A vontade de vencer em carreiras ▶



ADÍLSON

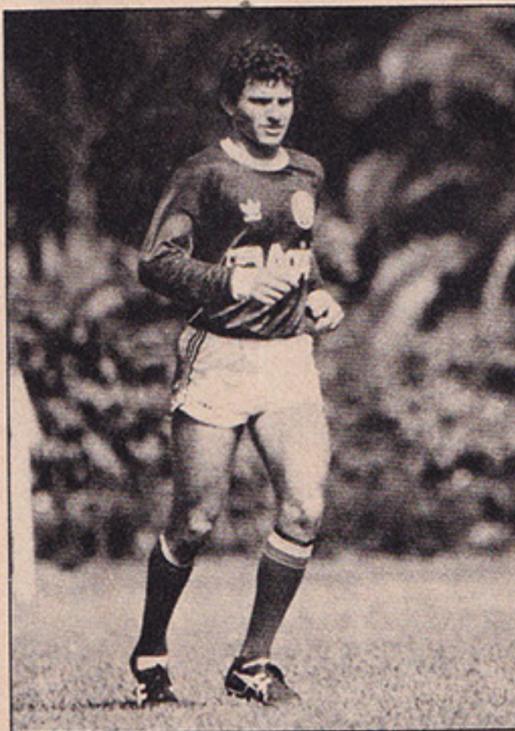


NELSON COELHO

Idade	22 anos
Altura	1,82 m
Peso	73 kg
Posição	zagueiro-central
Time	São Paulo

Calmo, sabe colocar-se em campo e sair jogando. Se preciso, entra duro e dá chutões. Estabilizou a defesa.

TONINHO



ABRIL

Idade	20 anos
Altura	1,79 m
Peso	79 kg
Posição	quarto-zagueiro
Time	Palmeiras

Ótimo nas antecipações, tem espírito de liderança e cobre bem os lados esquerdo e direito. Bom nas divididas.

MARCOS ROBERTO



SERGIO BEREZOVSKY

Idade	20 anos
Altura	1,72 m
Peso	65 kg
Posição	centroavante
Time	Corinthians

Técnico e obstinado, esbanja vitalidade. Virou ídolo depois de uma brilhante atuação contra o Palmeiras.



JUCA KFOURI

Quando o que reluz é ouro. Muito ouro

Friamente, ficar atrás de Estados Unidos, Cuba e Canadá nos Jogos Pan-Americanos não pode fazer a alegria de brasileiro algum. Friamente.

Mas como ser frio depois da última imagem que permanecerá para a história, a festa do time de basquete que venceu a seleção campeã olímpica e mundial, os reis da cesta, na casa deles? E não se diga que era apenas *mais um* time americano. Era o melhor que o amadorismo (!!!) ianque poderia montar.

Daí, caro leitor, você pode estar-se perguntando sobre onde está o analista que aqui mesmo, na semana passada, criticava o cestinha Oscar por seu excesso de individualismo. Onde está?

Está aqui, feliz da vida, convencido de que o nosso herói joga, sim, mais para si que para o time, mas que, contra os Estados Unidos especialmente, ele foi superior a um quinteto, foi uma verdadeira orquestra.

O Brasil, sabe-se, já ganhou um bicampeonato mundial de basquete. Sem diminuir as conquistas, porém, é justo dizer que, em 1959, no Chile, o Brasil só venceu porque a União Soviética, que desclassificara nossa Seleção, recusou-se a enfrentar a China e foi eliminada do torneio, permitindo a permanência brasileira. E, em 1963, no Rio de Janeiro, a exemplo de Santiago, a equipe americana era apenas, aí sim, *mais uma*.

Por isso não será exagero afir-

mar que esse ouro do Pan tem um sabor jamais provado pelo revivido basquete brasileiro.

Não será exagero, também, saudar a medalha do futebol. Menos pelo título em si, disputado contra seleções de baixo gabarito, exceção feita à mexicana. Mas pelas condições que o grupo de jogadores enfrentou, tão cebe-feanas que a tensão explodiu e jogou por terra a famosa *amistad* com o México.

Carlos Alberto Silva e seus bravos revelaram uma garra digna dos maiores elogios, só mes-

A conquista da nossa Seleção no Pan é a maior façanha da história do basquete brasileiro

mo comparável ao esforço sobre-humano que marcou outra imagem maravilhosa do Pan, a arrancada que deu a Joaquim Cruz a vitória nos 1 500 m.

E assim segue nosso esporte. Pobre no geral, capaz de surpreender os mais pessimistas no particular. Viva Oscar!

A DECISÃO — São Paulo e Corinthians jogaram contra a vantagem dos empates e chegaram às finais. Agora, a vantagem é tricolor. Vantagem?

O fato é que o Santos, que se-

ria o campeão em qualquer campeonato civilizado, jogou mal um jogo e perdeu o título. E o Palmeiras, campeão do primeiro turno, fraquejou diante dos onze anos sem conquistas e seus nervos o derrotaram. Na verdade, o Verdão perdeu sua grande chance de acabar com o fantasma no ano passado, quando não soube superar a Internacional de Limeira, jogando fora a oportunidade que o Corinthians, em 1977, não desperdiçou ao derrotar a Ponte Preta.

O São Paulo, enfim completo, foi o time mais prejudicado pelas convocações para as diversas seleções brasileiras e chega à decisão com um conjunto melhor que o do rival.

Já o Corinthians, campeão do segundo turno, atropela sem piedade e, individualmente, tem neste momento um time um pouco superior ao do tricolor.

Pesquisados na redação de PLACAR, um são-paulino, um corinthiano, um santista e um atleticano paranaense deram notas a cada um dos 22 titulares que decidirão o Paulistão. Na média geral, o Corinthians ficou com 8,5 contra 8,3, diferença, de resto, irrisória.

Só para divertir o leitor e convidá-lo ao mesmo exercício, eis as médias das notas de cada jogador: Waldir Peres 8,75 e Gilmar 6,5; Zé Teodoro 6,75 e Edson 6,5; Adílson e Mauro 7; Dário Pereyra 8,5 e Jatobá 6; Dida e Nelsinho 7,25; Biro-Biro 9,5 e Bernardo 7; Eduardo 8 e Silas 7,5; Pita 9,5 e Everton 8,5; Müller 8,5 e Jorginho 7,75; Edmar 8,25 e Lê 7,5; João Paulo 7,5 e Edivaldo 6,75. Quem vencerá?

GUERREIRO DAS DECISÕES

Dono único de um pentacampeonato paulista, o ex-centroavante Toninho vive em paz com suas glórias. Engordou, está feliz e vende amortecedores

Na semana passada, enquanto muitos craques famosos lutavam pelo seu primeiro título paulista, um antigo especialista em decisões preocupava-se com a sorte do seu Santos. Era o comerciante Antônio Ferreira, de 45 anos. Em 1971, com a camisa do São Paulo, ele consagrou-se como o único jogador a festejar um pentacampeonato estadual na história do futebol de São Paulo. Era conhecido como Toninho Guerreiro, um implacável centroavante que brilhou na Vila Belmiro e no Morumbi.

Toninho trocou o Noroeste de Bauru pelo Santos em 1962. "Senti-me como um estranho no ninho", lembra a chegada ao time de Pelé. "Disputava a posição com feras como Coutinho e Almir." Depois de superada a fase de adaptação, ele jogou oito anos na Vila. Lá, entre muitas outras conquistas, comemorou os campeonatos paulistas de 1964, 1965, 1967, 1968 e 1969. Mesmo não dando a volta olímpica em 1966, foi o artilheiro da competição, com 27 gols. Com isto, quebrou uma hegemonia de Pelé que já durava nove anos.

Toninho herdou a camisa 9 de Coutinho, derrotado pelo excesso de peso e por uma operação no joelho. "Azar dele, sorte minha", suspira. "Coutinho foi o melhor centroavante que vi jogar." Em se-



LEMYR MARTINS



NELSON COELHO

Toninho: em 1970, vestindo a faixa no São Paulo vencedor, e, hoje, ganhando a vida na retífica

guida ao tri no Santos, Toninho chegou ao Morumbi para faturar mais dois títulos estaduais — 1970 e 1971 —, celebrando então a façanha do pentacampeonato. "O bi no tricolor teve um sabor especial", diz. "Falavam que eu só era capaz de jogar ao lado de Pelé."

Hoje, Toninho Guerreiro não frequenta os estádios e conta poucas decepções do tempo de jogador. A que mais doeu foi a dispensa da Seleção Brasileira em 1969. "Fui cortado por Medici, que impôs a convocação de Dario", queixa-se. "Os médicos da Seleção arrumaram uma sinusite para justificar minha exclusão."

CERVEJAS E BOLA — É incalculável o que perdeu ao ficar fora da campanha do tri mundial no México. Mas Toninho afirma que, com o dinheiro ganho no Santos e no São Paulo, pôde comprar uma casa para cada um dos nove irmãos e garantir uma vida confortável às filhas Greice, de 20 anos, e Graciela, de 16, que moram em Santos. "Sou um homem rico", acredita. "Rico porque tomo minhas cervejas, bato uma bolinha e vivo cercado de amigos."

O aposentado Guerreiro deu lugar a um astuto comerciante de barriga proeminente e 95 kg — 26 kg a mais que no tempo de jogador. As mãos estão sempre sujas de óleo, já que vasculha São Paulo atrás de amortecedores velhos. Ele os vende na retífica de seu amigo Rogério Saulo, com quem mantém uma afinada parceria numa oficina instalada no bairro da Lapa. "Aqui ele é o Pelé", brinca, referindo-se a Rogério.

Nelson Urt



CARLOS FENERICH

O esperto Lê se joga diante de Ditinho e Gérson Caçapa para cavar o pênalti que Müller acabou desperdiçando

PINTE COM
Coralit



**Ao ler elogios,
Pita se recorda de
seus críticos**

Democracia Corintiana e do reinado do doutor Sócrates.

Pita nem ligou para a informação. Só queria dar um beijo em Margareth, mostrar a medalha de ouro do Pan para as crianças. Desejava dormir o sono sem sonhos dos heróis extenuados. Na segunda-feira, despertou surpreendentemente cedo. Saiu a pé para comprar os jornais,

na companhia dos filhos e do cão. Ao ler elogios, recordou com desdém aqueles que vêm nele um jogador frio demais para mudar o rumo das grandes decisões. Cobra criada de 29 anos e uma canhota mágica, ele sabe como é tênue o fio entre o aplauso e a vaia. Lembrou também da cara enorme do técnico Cilinho, naquele início de tarde de domingo.

— Acorda, Pita...

Ele acordou, foi lá e matou a pau.

**Marcelo Laguna
Mário Sérgio Venditti e Nelson Urt**



NELSON COELHO

... bola, que escapa e vai mansa para o fundo do gol: "Encaro como erro humano"

por sinal, que o sonho palmeirense de quebrar o jejum de onze anos sem títulos caiu por terra. Ele jogou a pá de cal aos 35 minutos do segundo tempo, batendo uma falta da intermediária. A bola passou entre as pernas do goleiro Zetti, proporcionando um frango de dimensões colossais. Era o terceiro gol. Os supersticiosos de plantão, porém, logo viram ali as artimanhas de um destino ingrato. A fatura aconteceu no

gol de entrada do Morumbi. O mesmo onde, nas semifinais do Paulistão de 1978, o São Paulo eliminou o Palmeiras com uma orelhada de Serginho. Também foi naquele local que a Internacional de Limeira fez os dois gols sobre o Verdão para garantir o título paulista do ano passado.

Bruxarias à parte, o clima no vestiário do Palmeiras era obviamente fúnebre. Na caça às senhoras de

vassoura que se seguiu à derrota, muita gente viu o diabo na figura pitoresca e delicada do juiz Roberto Nunes Morgado. "Para que expulsar Toninho, que é disciplinadíssimo?", rosnava o técnico Waldemar Carabina. "Morgado já entrou em campo intranquilo", acusava o centroavante Mirandinha, que também foi mais cedo para o chuveiro.

Na verdade, após o terceiro gol, o Palmeiras mostrou a fragilidade de seu sistema nervoso. Ditinho e Edu também acabaram brindados por cartões vermelhos. "Infelizmente não jogamos tudo o que sabemos", balbuciava Carabina. Tamanha complacência não encontrou abrigo no presidente Néelson Duque. "Não jogamos nada", definia o cartola. "É pena que Morgado tenha arrumado toda aquela palhaçada."

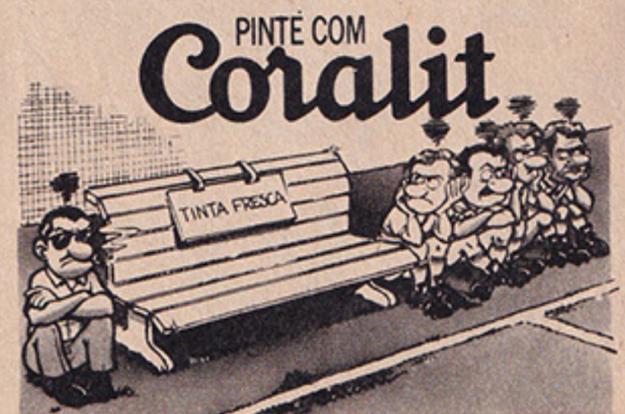
DOUTOR E DEMOCRACIA — Um dos poucos a manter a cabeça no lugar era Zetti. Na conquista do título do primeiro turno, ele somara 1 238 minutos sem levar gol. Depois do frango de domingo, esse cartel de pouco lhe valia. "Encaro esse terceiro gol como um erro humano", admitia, enquanto tentava, solitário, encontrar explicações para o fracasso. "Acho que caímos na armadilha do São Paulo", acreditava.

Naquele momento, Pita já estava rumando para sua casa. Driblara com categoria os penetras, falsos íntimos e cartolas festivos. Nem prestara atenção quando alguém falou em retrospecto. Em 1982 e 1983, quando São Paulo e Corinthians chegaram à decisão paulista, deu alvinegro na cabeça. Era a época da ▶



CARLOS FENERICH

O pitoresco Morgado dá cartões vermelhos aos alviverdes: quatro no chuveiro



"A vantagem do empate é uma ilusão", alerta Cilinho

de domingo, quando o hino do São Paulo começou a tocar no efusivo vestiário tricolor, o goleiro Gilmar fechou a cara. Saiu correndo em direção ao gravador e exigiu silêncio. "Ainda não ganhamos nada", ralhou. "Temos uma duríssima parada pela frente." Não se confunda, porém, prudência com medo. "Provamos nossa valentia mas teremos de jogar o dobro, se quisermos o título", avisava o lateral-direito Zé Teodoro.

"MINHA PRIMEIRA VEZ" — Para chegar lá, o São Paulo precisa empatar os dois jogos e uma eventual prorrogação. Afinal, ao longo do campeonato, somou 46 pontos, um a mais que o Corinthians. "Essa vantagem é uma ilusão", alertava Cilinho. "Por isso mesmo nosso objetivo é a vitória." O técnico sabe que conta com um time habilidoso e tranqüilo. Um exemplo: depois de marcar o primeiro gol, logo de cara, Müller viu o Palmeiras chegar ao empate e



EDU GARCIA

O antológico frango de Zetti em dois momentos. Ele se abaixa para segurar a...

desperdiçou um para lá de duvidoso pênalti de Ditinho em Lê.

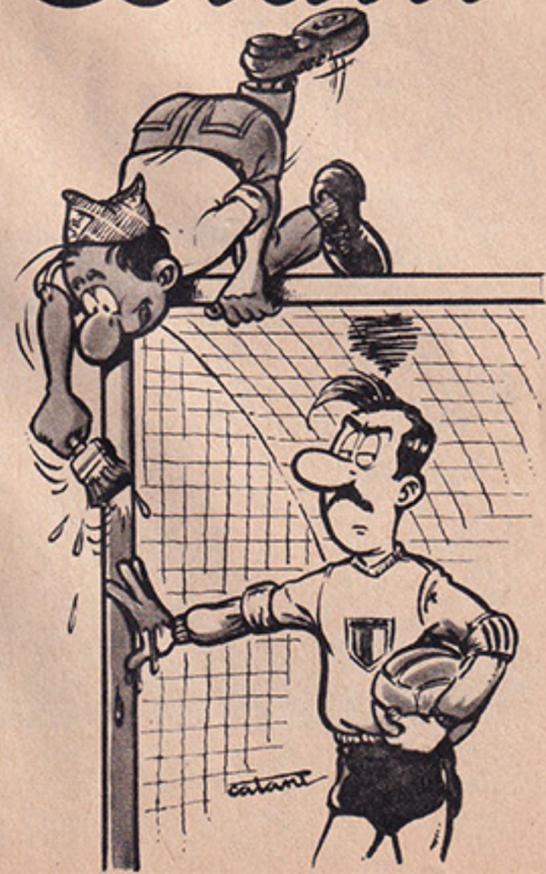
"Foi a primeira vez que isso me aconteceu, mas não me abati", garantiu o capitão tricolor. Ele mostrou que estava certo ao fazer o segundo gol, num belo e venenoso toque. Substituído no segundo tempo com dores na virilha, Müller jurou que estará inteiro para a decisão. O São Paulo, que tem Lê, Silas, Bernardo e Neto pendurados com dois

cartões amarelos, precisa do futebol selvagem de seu atacante.

A vontade de colocar as faixas é tão grande que os jogadores solteiros voltaram à concentração do Hotel Transamérica às 11 horas da noite de domingo. E ninguém arrisca um palpite. "São duas equipes equivalentes", pondera o meia Neto. "Mas sou mais o tricolor."

CAÇA ÀS BRUXAS — Foi graças a Neto,

PINTE COM
Coralit



RETRATO DO CLÁSSICO		Ruim	Regular	Bom	Otimo	Ruim	Bom Otimo	
Palmeiras	Zetti Salvou dois gols, mas no fim tomou um peru	Ditinho Quis atacar e levou um vareio do ponta	Vagner Abusou nas faltas. Confuso na marcação	Toninho Falhou no primeiro gol. Rebateu o que pôde	Renato Já vinha caindo de rendimento. Piorou	Gerson Caçapa Errou muitos passes e só soube tocar de lado	C.A. Borges Lento, sem imaginação, um dos piores em campo	Edu Nervoso, quis decidir tudo sozinho
São Paulo	Gilmar Atento nas saídas de gol. Pouco exigido	Zé Teodoro Ignorou o ponta e ainda foi ao ataque	Adilson Jogou limpo e com firmeza. Deu até bicões	Júnior Caiu pelas laterais e criou pouco	Mirandinha Entregou-se à marcação. Sumiu em campo	Mauro Abate-se com facilidade. Passou despercebido	Marcelino Substituiu Mauro e nada acrescentou	Diogo Entrou no lugar de Renato. Pouco mudou
	Dario Pereyra Anulou o centroavante e apareceu no ataque	Nelsinho Deu mais segurança à defesa. E garra pura	Bernardo Seria mais eficiente se soubesse atacar	Müller Fez dois gols e deu velocidade ao time	Lê Sempre perigoso, abriu espaços	Pita Desconcertou o adversário com seus lançamentos	Silas Envolveu a defesa com toques de primeira	
	Edivaldo Enfim, uma bela exibição. Estava devendo	Neto Entrou no lugar de Müller e fez um gol						



Müller: dois dos três gols que aniquilaram o sonho palmeirense e a promessa de estar inteiro para a finalíssima

— **A** corda, Pita... Sonolento, naquele estado de fusão entre sonho e realidade, o jogador abriu os olhos e deu de cara com o técnico Cilinho. Era 1 hora da tarde de domingo. O treinador, que já o barrara no Santos e no próprio São Paulo, queria saber se poderia contar com ele para a batalha de logo mais contra o Palmeiras. “Você só entra se quiser”, disse-lhe Cilinho. O craque tricolor estava moído pelo cansaço. Depois de ganhar o ouro do futebol no Pan, sexta-feira — ao lado do companheiro Nelsinho —, atravessara sábado e boa parte de domingo dentro de aviões. Saíra de Indianápolis, fizera

conexões em Atlanta, Miami, Rio de Janeiro e só desembarcara na concentração são-paulina às 9 horas da manhã.

— Eu quero jogar.

Passava das 7 da noite de domingo quando finalmente Pita chegou em casa. Deixava atrás de si uma atuação soberba na vitória de 3 x 1 diante do Palmeiras e o passaporte carimbado rumo às finais do Campeonato Paulista. “Futebol também se joga com a cabeça”, ensinava, com o corpo moído. “Agora temos de pensar no Corinthians com muita seriedade.”

Ao evitar a festa precipitada, Pita deu o exemplo. Assim, após o jogo ▶

PINTE COM
Coralit





Pita, com o corpo moído pela viagem e ensinando que talento passa pela cabeça: "Agora é pensar no Corinthians"

PINTE COM
Coralit



CAMPEONATO PAULISTA

O SÃO PAULO DO SÃO PITA

A canhota de ouro do Pan vence o cansaço, liquida o Palmeiras e leva o tricolor à grande decisão

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAHA
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ